

Pequenas raposas, grandes atores

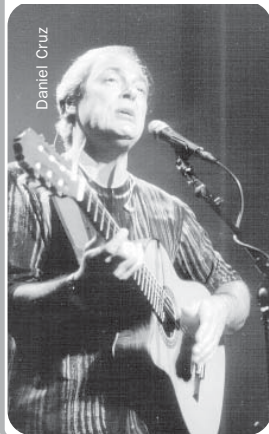


Beti Niemeyer

Pela primeira vez juntos no palco, Sérgio Britto e Beatriz Segall encenam *As pequenas raposas*, texto de Lillian Hellman considerado um dos melhores da dramaturgia americana do século XX. A história faz uma crítica às raízes do capitalismo, e começa quando a industrialização dos Estados Unidos avança para o interior do país sobre as ruínas de velhas famílias patriarcais. A peça estréia para o público dia 23 de setembro no CCB. No elenco estão ainda Ednei Giovanazzi e Rogério Frós. **(Teatro – pág. 6)**

Toquinho revive sucessos no Claro Hall

Homenagens e mais homenagens. Foi assim, lembrando amigos e mitos importantes de sua juventude, que Toquinho resolveu comemorar os quarenta anos de carreira. No show que apresenta dias 10 e 11 no Claro Hall, o cantor e compositor revisita sucessos de Tom Jobim, Baden Powell, Ângela Maria, Orlando Silva e Luiz Gonzaga, além da inesquecível parceria com Vinícius de Moraes.



Daniel Cruz

10 e 11 no Claro Hall, o cantor e compositor revisita sucessos de Tom Jobim, Baden Powell, Ângela Maria, Orlando Silva e Luiz Gonzaga, além da inesquecível parceria com Vinícius de Moraes.

(Show – pág. 7)

Vida improvisada em saguão de aeroporto

Baseado numa história verídica, chega aos cinemas a nova produção de Steven Spielberg, *O Terminal*, com Tom Hanks e Catherine Zeta-Jones nos papéis principais. O filme mostra as aventuras e desventuras de um europeu que passa a viver no aeroporto de Nova York quando seu visto de entrada nos Estados Unidos é negado.

(Cinema – pág. 9)



Divulgação

A arte de Antônio Dias

Um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira, Antônio Dias faz exposição no Rio a partir do dia 21 e exhibe oito trabalhos inéditos. São quatro módulos retangulares que formam combinações diferentes, feitos em papel artesanal especialmente confeccionado para o artista na Alemanha.

(Artes Plásticas – pág. 12)



Expediente

Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

Diagramação

Ligia Moreira

Colaboradores

Antônio Torres

Gloria Castro

José Louzeiro

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Martinho da Vila

Paulo Raider

Sérgio Britto

Comercial

Ricardo: 9666-5469


E-mail para contato:

acontecenacidade@brinter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

Índice

| | | | |
|-------------------|--------|----------------------|---------|
| Editorial | pág. 2 | Vídeo | pág. 10 |
| Antônio Torres... | pág. 3 | Sérgio Britto | pág. 11 |
| Literatura | pág. 3 | Artes | pág. 12 |
| Dança | pág. 4 | Martinho da Vila ... | pág. 13 |
| Luis Pimentel .. | pág. 5 | José Louzeiro | pág. 14 |
| Teatro | pág. 6 | Televisão | pág. 14 |
| Show | pág. 7 | Aconteceu | pág. 15 |
| Sétima Arte | pág. 8 | Música | pág. 15 |
| Cinema..... | pág. 9 | Paulo Raider | pág. 16 |



Ricardo Poock
Fotografia Profissional

Aniversário, Batizado, Reportagens,
Feiras e Eventos em geral.
poock@domain.com.br
2527-5519 / 9666-5469

Editorial

Depois de sete anos longe do cenário, o Projeto Pixinguinha está de volta em setembro. Um programa de incentivo a novos talentos da música brasileira criado no Rio, em 1977, por Hermínio Bello de Carvalho. Foi de Albino Pinheiro a idéia de lançar nomes desconhecidos ao lado de artistas consagrados em shows a preços populares. E é no Rio que o projeto recomeça, dia 1º, no Teatro da Funarte, com apresentações de Jards Macalé, Nô em Pingo D'Água, Ná Ozzetti e Dona Selma do Coco. Depois eles rodam as regiões Sul e Sudeste. Ao todo, foram selecionados em todo o país 36 músicos desconhecidos do público, que vão dividir o palco com Billy Blanco, Dona Ivone Lara, Zé Renato e Joyce, entre outros. Os 93 espetáculos passarão pelas 27 capitais e ainda por 12 municípios. O ACONTECE NA CIDADE dá a maior força para as caravanas do Pixinguinha. Dar chance à criatividade musical brasileira é marcar ainda mais a cara do Brasil. Como fizeram Leila Pinheiro, Zizi Possi e Djavan, apresentados ao grande público através do projeto.

MAIS DE 50 ANOS DE TRADIÇÃO

CONFEITARIA MANON

ESPECIALIDADE:
PÃO DOCE MADRILHENHO

Variedades de doces, tortas, bolos,
biscoitos amanteigados,
pão integral, pão de forma, salgados...

RESTAURANTE COM AR CONDICIONADO
BUFFET A QUILO VARIADO
O MELHOR DO CENTRO

AGORA COM NOVAS
INSTALAÇÕES PARA
MELHOR SERVIR
SEUS CLIENTES
OFERECEMOS
AMPLIO SALÃO
PARA SUAS REUNIÕES,
COFFEE BREAK,
CASAMENTOS, 15 ANOS.

ACEITAMOS ENCOMENDAS
E ENTREGAMOS EM DOMICILIO

☎ 2221-0245 / 2221-0246
2221-0249

Rua do Ouvidor, 187/189
(Em frente a C&A)

FUNCIONAMOS DE 2ª A 6ª DAS 11H ÀS 16H - SÁBADO ATÉ 16H



Antônio Torres

Algo a ver com o Martinho

Chega à Redação desta coluna uma carta que lembra aquelas de antigamente, antes da era dos e-mails. Vem da ensolarada Fortaleza, com a letra redonda e as cordiais saudações de Fernanda Quinderé - cronista, apresentadora de um famoso programa de tv, produtora musical, agitadora da cena cultural cearense e mãe do Maneco, o iluminador preferido por 9 entre 10 estrelas do teatro carioca. O motivo da simpática missiva: o envio do CD *Legrand-Eça*, que acaba de ser lançado aqui, numa homenagem do grande pianista Michel Legrand ao não menos Luiz Eça. "Escute e veja como é fantástica a semelhança entre eles," Fernanda escreve. "Há momentos em que, só quem privou, como eu, com os dois, pode distinguir quem é quem." De fato: é impressionante como um repassa a sonoridade do outro, na mais perfeita harmonia.

Essa carta me fez lembrar de uma temporada que passei em Fortaleza, fazendo oficinas literárias. Cheguei lá cheio de moral, e isso graças ao nosso supimpa cronista Martinho da Vila. Pelo seguinte: nasci num lugar, no interior da Bahia, que se chamava

Junco e passou a se chamar Sátiro Dias. Quem foi ele? Um médico baiano que nasceu naquela região, participou da Guerra do Paraguai e depois foi nomeado presidente da Província do Ceará, por D. Pedro II. O herói de guerra tinha lá os seus merecimentos, mas o seu nome, nada sonoro, batia em meus ouvidos como um tijolo. A sua imagem, porém, cresceu imensamente quando descobri, no livro *Kizombas, andanças e festas*, de Martinho da Vila, que Sátiro Dias havia sido protagonista de um episódio digno de nota, ao libertar os escravos do Ceará quatro anos antes da Abolição.

Começo uma palestra em Fortaleza, onde Sátiro Dias é nome de rua, contando isso, crente que estava abafando, até ser interrompido por um aluno: "Não havia escravos no Ceará. O que ele fez foi mandar comprar 4 cativos em Pernambuco, para libertá-los aqui. Seu histórico feito não passou disso." Sorri amarelo e repondi: "Mesmo que tenha sido assim, foi um gesto simbólico que contribuiu para o fim da escravidão, não foi?" Foi. Só que, ao contrário do Junco, o nome dele continua a não soar bem nos meus ouvidos. Sátiro Dias dá samba, Martinho?



Literatura

Quem matou Lana Leoni?

Morte, suspense e perversões secretas em livro de Nelson Motta

Divulgação

O meio teatral do Rio é o pano de fundo do novo romance de Nelson Motta, nas livrarias na segunda metade de setembro. *Bandidos e mocinhas* discorre sobre a relação entre uma policial sedutora e linha dura e um bandido educadíssimo, que acabam investigando o assassinato de uma atriz sexy e decadente, amante de um traficante e mulher de um milionário. Lana Leoni morre em pleno palco, durante a apresentação de uma peça polêmica de muito sucesso. A partir daí, a trama se desenvolve recheada de suspense e perversões secretas...

Bandidos e mocinhas é o segundo romance de Nelson Motta, que estreou na ficção com *O canto da sereia*. Ele também é autor de *Noites tropicais* e *Nova York é aqui*, entre outros.

Além de escritor, Motta é jornalista, produtor artístico e letrista. Fez parcerias com muita gente boa, como Lulu Santos (*Como uma onda*), Rita Lee (*Perigosa*) e Guilherme Arantes (*Coisas do Brasil*). (F.M.)



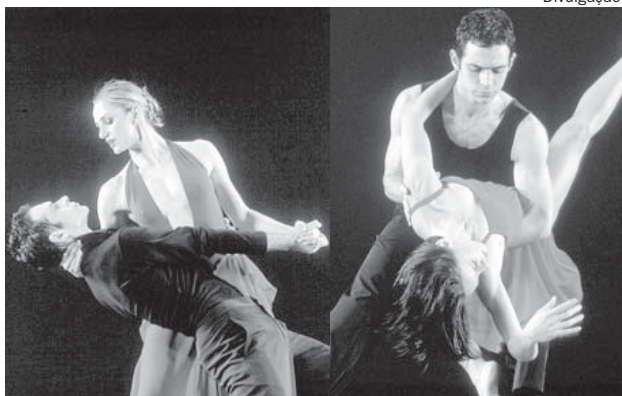


Romantismo rasgado

Grupo Corpo dança no Municipal

Divulgação

O coreógrafo Rodrigo Pederneiras se inspirou em um disco do cubano Ernesto Lecuona (1895-1963) para criar o novo espetáculo do Grupo Corpo, no Teatro Municipal de 2 a 6 de setembro. Com o auxílio de decotes generosos, saltos altíssimos e cores vibrantes, *Lecuona* é composto por 12 *pas-de-deux* e uma valsa final, ritmo nunca antes explorado pela companhia mineira. As músicas, extremamente românticas, temperam toda a sensualidade que envolve a coreografia. A iluminação, assinada por Paulo Pederneiras, delimita o espaço cênico ao projetar cubos luminosos de tons quentes que acompanham sempre o par romântico da vez. O programa se completa com *Nazareth*, peça de José Miguel Wisnik composta em 1993 sobre a obra de Ernesto Nazareth. Wisnik se juntou



a Caetano Veloso para criar as canções do espetáculo do ano que vem, que comemora os 30 anos do grupo. Um das companhias de dança mais famosas do país, o Grupo Corpo tem projeção internacional. A turnê de aniversário vai estreiar em Paris, em abril de 2005. **(F.M.)**

Tropicália de sapatilha

A mais nova companhia do país vai da ponta ao samba



O espetáculo *Superbacana – Dançando a Tropicália*, de 17 de setembro e 17 de outubro, lança a Companhia Jovem El Paso de Dança, a caçula das companhias do Rio. Com direção geral de Dalal Achcar e apoio de direção de Charles Möeller e Cláudio Botelho, ganham o palco do Teatro Villa Lobos, em Copacabana, 21 coreografias criadas sobre as canções que marcaram época nos anos 60 – como *Geléia Geral*, *Domingo no Parque*, *Alegria Alegria*, *Baby*, *Aquele abraço*.

São 22 bailarinos entre 17 e 23 anos, de formação clássica, e escolhidos em audições. “A Companhia vai da sapatilha de ponta ao samba, é um incrível e altamente maleável material nas mãos dos nossos coreógrafos”, explica Dalal Achcar, que faz parte do time de coreógrafos do espetáculo, bem como Renato Vieira, Tíndaro Silvano, Luís Arrieta, Ivonice Satie e Carlinhos de Jesus, além da estreante Janice Botelho. **(G.C.)**



TÁ OLHANDO O QUÊ??

Anuncie: 9666-5469

anúncios a partir de R\$ 80,00



**Luís
Pimentel**

Chegou a primavera

Foi durante uma das famosas reuniões no Buteco do Jisus, ali em Botafogo. O papo desandou para o lado das quatro estações e Pedro Garganta, sempre falante e quase nunca convincente, fez a introdução penetrante (no bom sentido):

– A mim me agrada, por demais, o clima outonal. O frescor das tardes, o farfarhar das folhas, o sol ameno. O outono é uma estação transcendental. Os dias são mais radiantes...

– A cerveja é mais gelada. As mulheres são mais cheirosas e mais macias – completou Rocha.

Foi solicitada a opinião de uma representante do grupo feminino:

– Prefiro o verão – disse Nina, uma moreninha que encostou na mesa um dia para pedir fósforos e nunca mais abandonou a turma.

– Aumenta o calor na formosinha, né, preta? – bombardeou o intrépido Yonzinho Cantareira, que arrastava uma asa caída para o lado da amiga.

Gargalhadas. Beijinhos de reencontro nos copos. Mordidinhas nas moelas. “Deixa de ser bobo, menino”. Bilau Baixinho retomou o fio da meada:

– Sou mais o inverno. Ventinho frio, roupinhas quentes, a gente aproveita para dormir abraçadinhos.

– Também encontro vantagens na estação do frio – disse Pedro Garganta. – O inverno tensiona os músculos e enrijece os doces lábios.

Nina engasgou com uma rodela de salaminho. Yonzinho partiu logo em socorro:

– Mastiga devagar, boneca. O salame é

um tira-gosto roliço e traiçoeiro.

Era assim que a banda tocava. Havia poesia em tudo.

Rocha da Bambina interrompeu o papo, levantando-se de braços abertos:

– Oi! Chega até aqui! – gritou, na direção de um mulherão que se aproximava. Olharam todos ao mesmo tempo. Aquela emoção.

– Vem cá, prima. Vem conhecer meus amigos – disse Rocha, sorridente.

– Prazer, pessoal! – falou a moça.

Rocha puxou uma cadeira para a visitante:

– Turma, essa aqui é minha prima Vera.

Primavera! Era a estação que estava faltando.

Garganta deu a volta em torno da mesa e se aproximou, derretido:

– Conheço você, não sei de onde...

– É de lá mesmo – cortou Rocha, fazendo o gênero primo-empata.

– Você conhece Juiz de Fora? – tão tímida.

Garganta aproveitou a deixa:

Claro. E adoro. Vou pelo menos uma vez por mês. Fico no Piazza. Você mora onde lá?

– Moro na pensão de Dona Fulô.

O clima pesou um pouco. Mas Pedro não perdeu a viagem:

– Sou representante de uma empresa de tubos e conexões. E você, Vera, mexe com o quê?

E a prima, sem perder a timidez nem a inocência primaveril:

– Mexo com os quadris.

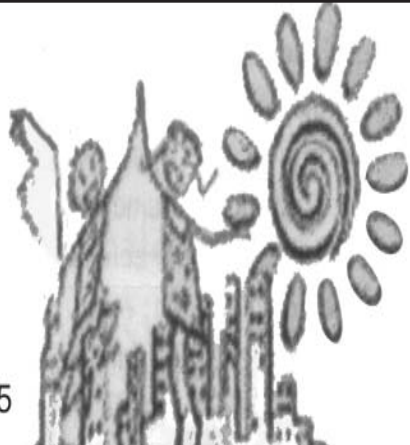
Resolveram falar de briga de galos. Bobagem ficar perdendo tempo com as estações do ano.

DOE SOLIDARIEDADE

Associação de assistência
à criança São Vicente de Paulo
casa@casaapoiocancer.com.br

LIGUE: 021 33724612

Deposite: Banerj Ag. 3479 - C/C 09204-5





As raízes e as distorções do capitalismo

Sérgio Britto e Beatriz Segall pela primeira vez no palco em *As pequenas raposas*

Beti Niemeyer

A temporada teatral de 2004 do Centro Cultural Banco do Brasil termina em grande estilo com a encenação de um dos maiores textos da dramaturgia norte-americana do século XX: *As Pequenas Raposas*, de Lillian Hellman. A peça estréia dia 23 de setembro e reúne um time de primeira com direção de Naum Alves de Souza e, no elenco, Beatriz Segall, Sérgio Britto (pela primeira vez juntos no teatro), Joana Fomm, Ednei Giovenazzi, Rogério Fróes, Roberto Pirilo, Pedro Osório, Patrícia Werneck, Aires Jorge e Lea Garcia.



O espetáculo, que fica em cartaz até 12 de dezembro, fala sobre as raízes do capitalismo e das distorções da sociedade norte-americana. A história se passa no sul dos EUA, no início do século XX, época de confiança no progresso; do avanço da industrialização para o interior, sobre as ruínas das velhas famílias patriarcais e do

nascimento da nova burguesia americana cujos personagens, na visão de Lillian Hellman, são pequenas raposas que danificam as raízes da sociedade, comprometendo o futuro do país. O texto mostra das consequências para as famílias de um novo sistema econômico. **(G.C.)**

Artista múltiplo

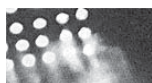
Musical faz homenagem a Grande Otelo

A tor de dezenas de filmes e espetáculos teatrais, palhaço de circo, compositor. Grande Otelo foi tudo isso, em 78 anos de vida. Se fosse vivo, estaria com 90. O musical *Éta moleque bamba*, que estréia dia 2 de setembro no Teatro do Sesi, é uma das homenagens para lembrar as nove décadas de nascimento deste grande nome da cultura brasileira. No espetáculo, três atores se misturam para contar a trajetória de Grande Otelo: Wilma Melo dá vida ao ator dos 8 aos 30 anos; Flávio Bauraqui, dos 20 aos 45 e Maurício Tizumba encarna Otelo dos 30 até os últimos dias. Assim como a divisão etária, as cenas não seguem uma ordem rigorosa. O importante, na visão do diretor André Paes Leme, é que o espectador crie a sua imagem do artista.



Divulgação

O mineiro Grande Otelo nasceu Sebastião Bernardes de Souza Prata. Símbolo da chanchada e do teatro de revista, ajudou a escrever a história do cinema brasileiro. Trabalhou na primeira produção da Atlântida – *Moleque Tião*, em 1943. Interpretou personagens memoráveis em filmes como *Macunaíma*, *Futebol e família* e *Laranja da China*. A parceria com Oscarito virou sucesso nacional. Juntos fizeram *Carnaval no Fogo*, *Dupla do barulho* e *Os três vagabundos*, entre outros. Grande Otelo morreu de enfarte no aeroporto de Paris em 93, ano em que realizaria um sonho de quarenta anos: a filmagem de *Elite Clube*, longa sobre as gafeiras. **(F.M.)**



Quatro décadas de estrada

Toquinho comemora trajetória com muitas homenagens

Toquinho comemora os seus 40 anos de carreira com duas apresentações no Claro Hall, dias 10 e 11 de setembro. Com 17 músicos, ele abre o show relembrando a parceria com Vinicius de Moraes numa saudação à Bahia, por ser o lugar onde os dois fizeram canções marcantes, como *Morena flor*, *Meu pai Oxalá* e *Canto de Oxum*. Depois, homenageia mitos de sua adolescência, que se tornaram amigos: Tom Jobim, com os clássicos *Este seu olhar*, *Corcovado*, *Eu sei que vou te amar*, *Se todos fossem iguais a você*; Baden Powell, com *Berimbau*, e Paulinho Nogueira, com *Bachianinha nº 1*. Também relembra Ângela Maria, Orlando Silva, Luiz Gonzaga, Francisco Alves, entre outros.

Até o fim do ano, Toquinho pretende lançar novidades, como o CD/DVD *O Mundo da Criança*, com animações das canções infantis mais representativas de sua carreira: *Aquarela*, *A casa*, *O pato*, *O caderno*, *A bicicleta*, *Errar é humano* e a inédita *O mundo da criança*. O cantor quer lançar também o CD *Passatempo*, com canções que fizeram parte de sua infância e adolescência e influenciaram sua carreira. **(G.C.)**



Daniel Cruz

Dor-de-cotovelo em climas diferentes

Lupicínio é destaque nas terças do CCBB

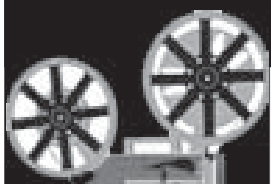


Divulgação

Lupicínio Rodrigues é o homenageado do Centro Cultural Banco do Brasil nas terças de setembro, quando completaria 90 anos, com quatro espetáculos que levam nomes de músicas famosas do boêmio gaúcho em diferentes climas, desde um enfumaçado piano-bar até uma gafieira. Cada apresentação traz diferentes artistas. Zé Renato com Ryta de Cássia abrem os trabalhos com as *Cordas Brasileiras* dia 7, numa programação sentimental; Soraya Ravenle e Cláudio Botelho recriam o escurinho do bar com *Nervos de Aço*, dia 14; Elza Maria e Alfredo Del Penho trazem o samba-choro na terceira semana, dia 21, com *Cadeira Vazia* e, encerrando a bateria musical, dia 28, Lucinha Lins e Jorge Moreno, com a participação especial de Elza Soares, mostram em *Esses Moços* o clima de gafieira. **(G.C.)**

Visite nosso site

www.acontecenacidade.com.br



Sétima Arte

Tarantino

Foram seis longos anos de espera por um novo trabalho de Quentin Tarantino. Alguns boatos circularam sobre a sua falta de criatividade e que havia se transformado em um blefe, um cineasta ultrapassado. Mas seu mais recente lançamento, *Kill Bill vol. 1*, supera todas as expectativas e mostra um diretor no auge de sua forma, tanto que ele se transforma na personalidade cinematográfica do ano - pois foi presidente do júri em Cannes e ainda chega ao Brasil em outubro a parte dois da saga - merecedor de duas colunas especiais.

Kill Bill é o ápice do cinema B no *mainstream* (distribuição comercial). Tudo proveniente da cabeça de um extremo conhecedor de cinema, torna-se cansativo repetir seu caráter cinéfilo, porém é o que diferencia e muito dos demais. Não há nada mais gratificante do que constatar que um cineasta entende seu ofício e é apaixonado por ele. Ele se utiliza de referências não para copiar, mas sim para gerar mais possibilidades para seu cinema. Alguns afirmam que se trata de um picareta. Entretanto, é um grande engano. As seqüências são estudadas de forma milimétrica, com cada imagem em perfeita sintonia, como o preto e branco na abertura e o lenço que enxuga o rosto com o nome Bill bordado até o *split screen* (divisão de tela) e as tomadas panorâmicas e tortuosas, que provocam e estimulam o olhar. O duelo entre Uma Thurman - excelente em um papel difícil que mescla ação física à intensidade dramática - e Lucy Liu, e mesmo o combate do *dojo*, é de uma perfeição de se admirar. A fotografia, o detalhe dos olhos

e a tensão aliada ao silêncio. A narrativa fragmentada de sempre que mantém todos atentos e de curiosidade aguçada para o desfecho. Alia-se ao sarcasmo da união entre texto e imagem: o enfermeiro que tem tatuado *FUCK* nas mãos e o carro de nome *Pussy Wagon*; e a lista negra de vingança da protagonista com requintes infantis.

O filme de Quentin foi criticado de forma equivocada nos Estados Unidos, que o acusaram de fazer o longa mais violento da história de Hollywood. É incrível como alguém pode escrever isso, porque de fato não captou em nada sua estrutura fílmica. A violência é irônica, cartunista (gibi) e hiperbólica, exagerada de maneira proposital, e não sádica. Será que ao cortar um braço ou uma cabeça de uma pessoa se espirra tanto sangue? A animação espetacular, para narrar a história de Lyu, deixa bem clara a influência de anime oriental, fazendo a transposição para a violência gráfica vista na tela. E são essas referências que trazem algo de especial, transformando Tarantino em um verdadeiro liquidificador cinematográfico, que une o virtuosismo operístico de Brian DePalma, passando pela utilização equilibrada entre tensão e violência da revelação Takashi Miike, até o código samurai de Akira Kurosawa, e culmina na composição cênica de duelos e planos abertos de Sergio Leone. Ainda assim se mantém a autoria, copiada por Guy Ritchie e tantos outros que apareceram após o êxito de *Cães de Aluguel*, em 1992. Uma resposta do cineasta define tudo e serve de exemplo para a nova geração: "Eu não fiz escola de cinema, eu apenas vi muitos filmes".





Video Locadora

PARADISE

12 anos de fortes emoções

- CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
- EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
- LANÇAMENTOS •

www.paradisevideo.com.br
 ☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C
 Copacabana



Endereço: aeroporto

Spielberg dirige Tom Hanks e Catherine Zeta-Jones em *O Terminal*

Dia 10 de setembro é a data prevista para a estréia do novo filme de Steven Spielberg, com Tom Hanks e Catherine Zeta-Jones nos papéis principais. *O Terminal* conta a história de Viktor Navorski, um europeu oriental que viaja para Nova York enquanto seu país sofre um terrível golpe. Ao chegar no Aeroporto Internacional John F. Kennedy, ele não obtém autorização para entrar nos EUA e passa a viver no saguão do terminal, aguardando o fim do conflito em sua terra natal. À medida que o tempo passa, Viktor descobre que o pequeno universo do terminal é complexo e rico de absurdos, generosidade, ambição, diversão, status e até de romance.

Catherine Zeta-Jones vive Amelia Warrens, uma garota sem sorte no amor e que precisa simplesmente de alguém que a escute. Essa relação faz Viktor achar que ficar



Divulgação

preso no aeroporto foi a melhor coisa que aconteceu em sua vida.

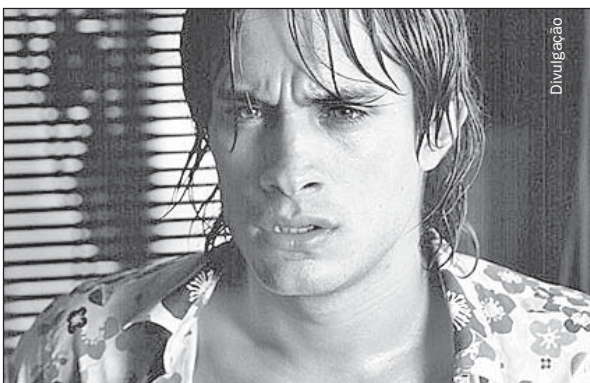
O roteiro de *O Terminal* foi baseado na história de Merhan Nasser, um refugiado iraniano que passou por uma situação parecida no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris. **(G.C)**

Homossexualismo e pedofilia

Almodóvar não alivia em *La mala educación*

Um filme perturbador, que aborda pedofilia, homossexualidade e transexualismo. Pedro Almodóvar escolheu para o papel principal de *La mala educación* o bonitinho Gael Garcia Bernal, ator mexicano que fez Che Guevarra em *Diários da Motocicleta*. Ele vive Ignácio, um homem marcado pelo passado que acaba se transformando em um travesti. Quando criança – durante a ditadura franquista – sofria constantes abusos sexuais por parte de um padre do colégio interno onde estudava, mas era apaixonado pelo amigo de turma Enrique. Os dois só voltam a se encontrar anos depois, quando Ignácio pede ao ex-colega, agora diretor de cinema, que adapte para as telas um relato inspirado na infância deles.

Pedro Almodóvar é um dos cineastas espanhóis mais celebrados no mundo. Seus filmes costumam mostrar todas as formas possíveis de amor e, às vezes, de perversão. Almodóvar já ganhou dois Oscar: melhor filme estrangeiro por *Tudo sobre minha mãe* (1999) e melhor roteiro original por *Fale com ela*, em 2002. Ele trabalhou dez anos na história de *La mala educación* e diz que é seu filme mais pessoal porque tem lembranças de sua infância, embora garanta que nunca foi vítima



Divulgação

de pedofilia. O filme tem estréia prevista para a segunda metade de setembro. **(F.M.)**

AQUI VOCÊ ENCONTRA O MELHOR DA MPB
www.revistamusicabrasileira.com.br

online

REVISTA **MÚSICA BRASILEIRA**

Motivos • Letras • Dicas
 Artigos • Mensagens • Melhores

A revista que fala a nossa língua.

NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira
email: leonardo@brasbyte.com.br

BENJAMIM (Idem) Direção: Monique Gardenberg
Elenco: Paulo José, Cléo Pires. É um caso curioso. Está bem longe de ser um bom filme, sobretudo pelo péssimo roteiro que se escora em inúmeros *flashbacks*, e mistura perseguição militar, vingança de marido traído e reminiscências românticas. Estas deveriam imperar, ainda mais com o Paulo José à vontade e uma ótima trilha de Arnaldo Antunes. Entretanto, tudo é mal conduzido pela diretora Gardenberg, do ruim *Jenipapo*, que se manteve fiel à essência de clipe e realizou dois: um com Wando e outro com Zeca Pagodinho. Já o trabalho de direção de fotografia de Marcelo Durst deve ser ressaltado, pois ele consegue diferenciar passado/presente e realiza tomadas alternativas com uma câmera generosa em Cléo Pires. Uma atriz limitada sim, mas dotada de um charme único que cresceu diante da tela. A falta de tranquilidade e naturalidade do elenco, junto com a ineficácia e indecisão autoral da diretora - que ainda filma uma cena ridícula de estupro e uma falsidade de mendigos em um chafariz brigando por ternos - permitem que Cléo seja o único alento, um brilho solitário.
Cotação: regular. Brasil, 2003, Drama. (VHS/DVD)



Divulgação

EM CARNE VIVA (In The Cut) Direção: Jane Campion
Elenco: Meg Ryan, Kevin Bacon. A expectativa em torno do longa foi criada a partir de uma polêmica: a desglamourização e nudez da pudica e insossa Meg Ryan, em papel que seria de Nicole Kidman. A diretora neozelandesa Campion tem uma forte ligação com o sexo, presença motriz em grande parte de sua filmografia, mas dessa vez foi longe demais. É um cinema grotesco, repleto de seqüências desnecessárias como um sexo oral explícito e esquartejamento feminino. A história que, aparentemente, realçaria uma libertação sexual feminina - Ryan depois de descida em um inferninho passa de pacata a predadora - prega a misogenia. Todos os homens reclamam ou condenam as mulheres de alguma forma, só usando-as para o sexo. O *serial killer* - a investigação e o suspense não existem - reforça essa proposta com sua descrença no amor e na instituição do casamento ao deixar uma aliança nas mulheres que truçida. Para tentar maquiar um material pavoroso, Jane se apóia na estética na encenação: p/b, utilização de cores berrantes e tomadas fora de foco e enquadramento. Mas mesmo em pós-produção é impossível corrigir um material fílmico tão desastrosos. **Cotação: ruim.** Austrália/EUA/Inglaterra, 2003, Suspense. (VHS/DVD)



Divulgação

MADRUGADA DOS MORTOS (Dawn of the Dead)
Direção: Zach Snyder
Elenco: Sarah Polley, Ving Rhames. Não sou a favor de refilmagem, mas o estreante Snyder fez uma ótima releitura do clássico *Zombie: O Despertar dos Mortos*, a obra-prima de George A. Romero. É um exemplar raro que não se data o material e ainda torna-o mais atual, pois a alusão

à sociedade de consumo - já que os sobreviventes de um ataque zumbi têm como único abrigo o *shopping center* - ao lugar dos sonhos no mundo capitalista soa mais contundente hoje do que nos 70. Esqueça *Pânico*, de Wes Craven, que transformou o gênero em lugar-comum e voltado para adolescentes, e *O Sexto Sentido*, de *Shyamalan*, que com sua reviravolta chinfrim contaminou o cinema tomando o espectador refém do mesmo embuste. É a batalha do homem contra o zumbi, que surge do nada e sem explicação, como o caos deve ser. O diretor surpreende ao realizar um filme praticamente *rated X*, a maior censura nos EUA, com cabeças decepadas e tensão no limite. Há espaço também para finas ironias: o esquema de comunicação inspirado no cinema mudo; o patriota ("A América derrotou tudo"); os militares salvadores que falham; e os fanáticos religiosos, que profetizam o apocalipse a cada instante. Danny Boyle poderia se inspirar nessa concepção e não justificar todo o roteiro e apresentar um desfecho de comercial no fraco *Extermínio*. O amanhecer é negro e o terror já dominou.
Cotação: ótimo. EUA, 2004, Terror. (VHS/DVD)

VELOZES E MORTAIS (Highway Men) Direção: Robert Harmon
Elenco: Jim Caviezel, Rhona Mitra. Na década de 80, com a paranóia americana crescente, o diretor Harmon realizou um suspense genuíno, com o título de *A Morte Pede Carona*, sobre um homem comum que dava carona a um psicopata. E a estrutura narrativa se fixava a partir do duelo dos dois e nada mais importava, como em *Encurralado*, provavelmente o melhor de Spielberg. O fascínio de Robert, que caiu no ostracismo, é evidente por estrada e *road movie*. Almejando recuperar um prestígio, que não foi justificado, ele faz uma variação piorada do seu único sucesso. Acabou sendo um returnante fracasso, que foi defenestrado pela crítica, que não percebeu algo de relevante. Não é um longa sobre as leis de trânsito ou moralista com os acidentes. O material escrito é tão pequeno - que todas as vezes que se vai além com um monólogo de um apático Caviezel e uma tênue linha psicológica de referência a parte motivacional, se promove um desequilíbrio na proposta - que se carrega na forma e o diretor mostra habilidade ao reduzir ao confronto dos dois (um homem movido por vingança e um maniaco), como em *farostes*, incluindo o frente a frente com tomadas frisando olhos, movimentos e carros. O psicopata do asfalto é a união do homem-máquina, uma estranha metamorfose, não pelo prazer automobilista, mas pela necessidade de viver.
Cotação: regular. EUA, 2003, Policial. (VHS/DVD)

JANELA SECRETA (Secret Window) Direção: David Koepp
Elenco: Johnny Depp, John Turturro. A obra do escritor Stephen King é a base dos gêneros terror e suspense americano desde os anos 80, com destaque para a obra-prima *O Iluminado*, de Stanley Kubrick. Diferente do perdido *O Apanhador de Sonhos*, *Janela Secreta* se credencia com uma boa adaptação. A sua força reside nas personagens bizarras construídas por Depp, que já soa como um tipo mas continua acertando, e Turturro. O duelo entre os dois é convincente assim como o conflito do escritor com sua obra. A reviravolta típica - apesar de ser guiada pela irônica frase: "O que importa é o final" - é bem diferente do esperado desfecho positivo. A voz interna passa a falar mais alto e agora o desejo do subconsciente não é mais secreto. O temor do reflexo no espelho e da sombra que espreguiça acabou, o enigma interno foi decifrado. **Cotação: bom.** EUA, 2004, Suspense. (VHS/DVD)



Divulgação



**Sérgio
Britto**

O livro *Melhor que o Éden*, de Wanda Fabian

Quantos romances? Quantos livros de contos? Quanta literatura de Wanda Fabian eu li? E quantas peças eu vi? Ou quantas eu, pelo menos, li? É os vídeos da Heloisa Perissé sobre os textos dramáticos curtos da Wanda? Quantos?

Sempre a mesma paixão, a desenvoltura da linguagem, a defesa permanente da mulher, essa Wanda que me parece, quase sempre, meio autobiográfica em tudo que escreve.

Podiam me pedir para fazer prefácio para tudo isso que li até ontem, ou melhor, até anteontem, porque há 2 meses tive o prazer de entrar em contato com o livro de contos *As mil e uma grades*. Uma presidiária reúne as companheiras e, como uma espécie de Sherazade, lhes narra histórias incríveis, algumas de puro terror, outras muito enigmáticas, algumas sem fim, algumas com vários fins à escolha do freguês, digo do leitor, ou digo melhor das presidiárias, companheiras dessa Sherazade brasileira tão vivida, tão consciente do que sabe (ou inventa), tão irônica nos seus raciocínios, tão realista no fim das noites, quando a história termina, com uma moral ou não, ela sempre deixa no ar alguma sabedoria, algum pensamento para tocar os ouvidos das desesperadas mulheres que a ouvem.

Eu podia ter sido convidado para prefaciá qualquer uma dessas obras – contos, romances, peças – eu acharia um convite meio óbvio, muito agradável porque eu saberia dizer do estilo da escritora Wanda Fabian, de sua construção dramática altamente elaborada, não fosse ela também uma hábil autora dramática, enfim, eu poderia esmiuçar essa Wanda que sendo contista, romancista e autora teatral, sabe usar seus conhecimentos em todos esses gêneros cada vez que começa uma nova obra. Em tudo que escreveu até agora eu sempre consigo reconhecer a contista/romancista e a autora de peças e mais peças, como que um inspirando a outra, uma fornecendo material/inspiração às outras.

Mas nada disso: resolveram me pedir para

escrever o prefácio de *Melhor que o Éden*: aliás o novo romance devia se chamar *Crime em Família*, fato marcante na história, o romance que revela a autora: a personagem Marli, um pouco de Wanda Fabian, sem dúvida.

O feminismo, as frases cortantes em defesa da mulher são quase *slogans* da autora. Mas o que posso eu dizer desse *Melhor que o Éden*, a não ser que vivendo a Copacabana e a Tijuca de 1950, reconheço perfeitamente o tipo de vida que se levava nesses dois bairros, Copacabana com sua praia no auge da alegria, das festas, dos banhos à fantasia, dos concursos de *miss* (eu mesmo tive uma prima que ganhou *Miss Pijama*, é, isso mesmo, todas desfilavam de pijama e a Naná, esse era o nome da minha lindíssima prima, ganhou o *Miss Pijama*) e a Tijuca vivendo a sua vida mais recatada, mais burguesa, as distrações concentradas nos cinemas da Praça Saens Peña e na vida social/artística do Tijuca Tênis Clube. Copacabana e Tijuca de 50 estão no romance, são a necessidade da autora em se colocar num mundo em que viveu o melhor de sua juventude/mocidade.

Mas daí, a partir do romance *Crime em Família* da Marli, a nossa autora de verdade, a Wanda escreve um romance em que vale tudo, enfim, querendo resumir, eu diria que esse é um romance que vai de Alexandre Dumas Filho à Agata Christie, a Hitchcock passando por M. Dely sem nenhuma tentativa de não deixar que a loucura domine a narrativa e o romance no seu todo.

Então não gostei do livro? Eu me perdi, não parei de ler, fiquei tonto, entusiasmado, não reconheci a Wanda, reconheci Wanda – você é louca? – em escrever isso? Recuei algumas vezes, depois não pensei em mais nada, não critiquei mais nada e cheguei ao final, aliviado, com as soluções encontradas. Não sou a pessoa para fazer esse prefácio. Só digo que não há quem possa resistir ao fascínio da Wanda Fabian, esse bicho de romance, uma Wanda que eu não conhecia, mas que nem por isso me divertiu menos. Aconselho que leiam e enlouqueçam como eu.

Oficina Literária
com Luis Pimentel

- Prosa Verso
- Infante Juvenil
- Texto de humor

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES / MYRRHA COMUNICAÇÃO
☎ 2220-4609
2215-7090 - 9648-9910
myrrha@centroin.com.br

PROCURADO
Você (que tem boa comunicação e vontade de trabalhar)



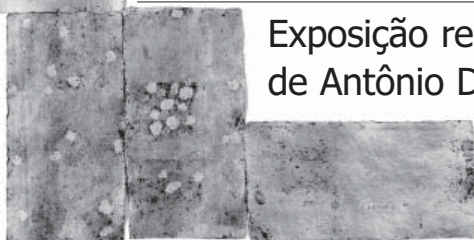
Contato Publicitário
Recompensa: comissões de até 25%
sem horário para cumprir

Ligue: 2527-5519 ou 9666-5469
(Ricardo)



Combinações retangulares em papel artesanal

Divulgação



Exposição reúne inéditos de Antônio Dias

A partir do dia 21 de setembro, o carioca vai poder apreciar oito criações inéditas do paraibano Antônio Dias. Os trabalhos são compostos por quatro módulos retangulares, dois trabalhados com ouro e dois com cobre, formando diferentes combinações entre si. Todos elaborados em papel feito à mão, de algodão puro, especialmente produzido para ele na Alemanha. Este tipo de suporte artesanal marcou a carreira do artista nos anos 70, quando trabalhou no Nepal e criou seus papéis a partir de uma técnica milenar dos

habitantes de lá. Na Ásia aprendeu ainda a preparação de pigmentos através de vegetais. Um dos grandes nomes da arte contemporânea brasileira e reconhecido mundial-

mente, o artista trabalhou também na Índia, no Tibet, em Paris, na Itália e nos Estados Unidos, quando ganhou uma bolsa da Simon Guggenheim Foundation. Atualmente, vive seis meses por ano em Colônia, na Alemanha, onde tem um ateliê (tem outro em Milão). Seu posou no Rio é em Copacabana. O pintor tem uma das cinco maiores coleções de arte particulares do país.

A exposição fica em cartaz até o dia 21 de outubro na Galeria Artur Fidalgo – Rua Siqueira Campos, 143 sobrelojas 147 e 148, em Copacabana. **(F.M.)**

Duas vezes Ângelo de Aquino

Mostras relembram os quarenta anos de carreira do artista

O mineiro Ângelo de Aquino faz duas exposições em setembro no Rio. Na Casa França-Brasil, ele reúne oitenta trabalhos entre telas, papel e objetos para lembrar os quarenta anos de sua trajetória. O cachorro Rex, sua marca registrada, também está na mostra, desde quando "nasceu", há vinte anos, até os dias de hoje. Segundo o artista, o cão traduz uma imagem urbana contemporânea, e já foi capa de revista na França, imagem nas roupas de japoneses e até virou livro. Esta exposição acontece a partir do dia 22 de setembro. A outra, na Galeria Márcia Barrozo do Amaral, em Copacabana, vai ser inaugurada dia 28. Em *Rio, Milão, Rio*, Ângelo exibe vinte obras inéditas, todas feitas aqui e na cidade italiana nos anos 70. São trabalhos conceituais sobre papéis.

Ângelo de Aquino rompeu com a arte do passado ao participar da mostra *Opinião 65*, ao lado de Antônio Dias, Carlos Vergara, Hélio Oiticica e Rubens Gerchman, entre outros. Foi o evento de arte contemporânea mais importante da década de 60. Hoje, se define "picassiano", e faz um trabalho mais conceitual. **(F.M.)**



Divulgação

Proespaco Cult

| Artes | Poesia | Filosofia
 | Equilíbrio Ambiental
 | Sociedade Carioca

www.proespacocult.cng.br

Andréa C. Cid CRP: 05/30.691

Psicoterapia de Adulto, Casal e Família

Centro: Rua do Acre, 55/ sala 607 - 2233-3894
 Barra: Downtown bloco 3/sala 225 - 2494-5204
 Celular: 8828-1797
 Email: psyand@terra.com.br



Martinho da Vila

Trecho do diálogo entre Martinho da Vila e Noel Rosa, do livro *Kizombas Andanças e Festanças*, publicado pelo compositor.

- Eu sou Noel de Medeiros Rosa.
- E eu Martinho José Ferreira.
- O Martinho da Vila?
- Diante de você eu sou só o Martinho. Da Vila é você.

- Eu sou de fato. Você é de direito. Mas preciso muito lhe falar. Passear pela nossa Vila Isabel. Conhecer lugares onde passei a minha infância e adolescência. Rever coisas. Recordar genes. Contar e ouvir histórias. Sonhar.

- Só se for agora.
- Vou lhe chamar de mano, como no meu tempo.
- E eu vou chamá-lo de compadre, como hoje.

- Vamos lá mano Martinho.
- S' imhora compadre Noel. É "Conversa de Botequim?"

- Sim, mano, mas em "Tom Maior". Aqui ainda é o Boulevard 28 de Setembro? Com o mesmo traçado de um boulevard parisiense?

- É compadre, mas em 1922 passou a se chamar avenida. Há pouco tempo voltou ao antigo nome. Eu sei que era o lugar dos grandes corsos, das batalhas de confete, dos passeios domingueiros, das cadeiras nas calçadas. Mas tudo isso é passado. Hoje, acabaram-se os bondes, a luz é de mercúrio e do Ponto Cem Réis, somente alguns poucos lembram o nome.

- Espere aí, mano Martinho. Você quer dizer que acabou o carnaval de bonde que nos levava até o centro da cidade? Que não existem mais batalhas da Dona Zulmira e Santa Luzia? E os corsos da 28 de Setembro também acabaram? Então como é que vocês brincam o carnaval?

- Encurralados. Numa avenida fechada, onde somos obrigados a nos submeter a regulamentos e respeitar horários. Evoluir com passos marcados e fazer um samba sobre um tema que nos desagrada para alegrar a quem pode pagar.

- Você compõe para o carnaval?
- Sim, mas ainda cantamos os seus sucessos.

- E para a festa da Penha?
- Virou comércio.
- E dá compadre Noel. Mas vamos tomar alguma coisa?

- Tem cerveja ABC ou Cascatinha?
- E, não existem mais. Você fuma?
- Liberty Ovais. Mas vamos ao nosso papo. Você sabe que a nossa Vila é um presente de amor?

- Me conta esta história compadre Noel.
- A Vila era a grande Fazenda dos Macacos que pertencia a D. Amélia de Leuchtenberg, a duquesa de Bragança, que ganhou de presente

de casamento do Imperador Pedro I. Este boulevard se chamava "Caminho dos Macacos".

- Agora eu sei por que o nosso morro se chama dos Macacos. E por que o nome Vila Isabel?

- Durante as viagens do imperador Pedro II a Portugal, quem assumia era a princesa Isabel e, quando o João Batista Vianna Drummond comprou a Fazenda dos Macacos, em 3 de janeiro de 1872, quem estava na Regência era a princesa. Ele então para fazer uma média com a Coroa, batizou o bairro de Isabel.

- Já existia malandro naquela época, compadre Noel.

- E tinha que ser na Vila mano Martinho. Por causa disso o João Batista Vianna Drummond, em 19 de agosto de 1888, ganhou o título de barão. Mas a Vila veio predestinada a crescer, pois um mês e pouco depois de ser comprada, já estava sendo fundada a Companhia Fero Camil, que construiu as primeiras linhas de bonde ligando Vila Isabel ao centro da cidade. Em 1873 foi organizada a Companhia Arquitetônica para planejar o bairro. Este trabalho foi entregue ao engenheiro Francisco Bittencourt Silva. Mas me conte, mano, como foi que você veio dar com os costados em Vila Isabel?

- Aí que está o x do problema, compadre. Eu nasci em Duas Barras, num chuvoso carnaval, em 12 de fevereiro de 1938. Quando eu tinha quatro anos, minha família veio morar na serra dos Pretos Forros, lá pros lados do Lins. Rapazinho, já pertencia à ala dos compositores da Escola de Samba Aprendizes da Boca do Mato, levado pelo Tolito, hoje da Mangueira. Mas a gente anda e eu passeava pela Vila. Num dia do ano de 1966, o Davi, ex-presidente da Vila, me convidou para ser secretário da diretoria da Escola de Samba Grêmio Unidos de Vila Isabel. Mas o meu barato era ser da Ala dos Compositores. Então o Rodolfo me apresentou ao Tião Graúna, que era presidente da Ala, mas como eu havia conquistado alguns campeonatos nos Aprendizes, o Tião me perguntou: "Você tem bagagem? Canta um bagulho aí". Eu disse alguma coisa e ele parece que gostou. Mas tive que fazer um estágio e um samba de terreiro "Boa Noite", onde eu falava de você.

- Quais as cores da escola de samba de Vila Isabel, mano?

- Branca e azul, compadre.
- Que beleza! Lá em cima tudo tem estas cores. Quem não gosta muito é o meu parceiro Cartola.

- Ao lado do trabalho que faço na escola, divulgo o bairro pelai. Já tenho muitos discos gravados. De vez em quando vou a Angola consultar minhas origens e estou aí, tentando preservar a nossa música, fugindo dos ritmos estranhos, valorizando o que é nosso. Resistindo. Afinal, "São nossas coisas".

- Mas como tudo em Vila Isabel, você é um predestinado, mano.



José Louzeiro

O espadachim Eurico Miranda

A biografia é, para mim, gênero literário da maior importância. Algumas delas, como a do Edgar Allan Poe, Virgínia Wolf, Oscar Wilde e Thomas Mann são verdadeiros romances, com lances de realidade que superam as mais sutis manifestações da fantasia. De outra parte, como minha própria vida tem muito de ficção, eis que acabo de aceitar o convite para escrever a respeito de um dos personagens mais controversos do futebol brasileiro: Eurico Miranda.

Tão logo a notícia foi estampada na mídia surgiram os telefonemas de três homens e duas mulheres. A que ligou de Goiânia, um tanto irritada, perguntou se eu sabia com quem estava me metendo; a segunda, mais calma, embora firme, disse que Eurico era um endemoniado, sendo seus movimentos controlados das profundas do inferno por satã

e seus auxiliares capetas. Um dos homens, vascaíno doente, lembrou que graças ao Vasco da Gama os negros tiveram vez no futebol. O segundo torcedor pichou Eurico o quanto pôde, mas lembrou que ele era o corpo e a alma do grande time e venceu obstáculos para ser o que é hoje. O terceiro, admirador de Roberto Dinamite e inimigo declarado de Eurico, disse que o presidente do Vasco é um búfalo, mas tem coração de ouro; mantém uma escolinha no clube para garotos pobres que sonham um dia serem craques como Dinamite, Edmundo e Romário, astros de São Januário.

O livro que vou escrever acompanhará essa linha sinuosa de admiradores do futebol, que ora apontam Eurico como um demônio, ora o vêem como cidadão apaixonado com um único propósito na vida: fazer do Vasco da Gama um time poderoso, custe o que custar.

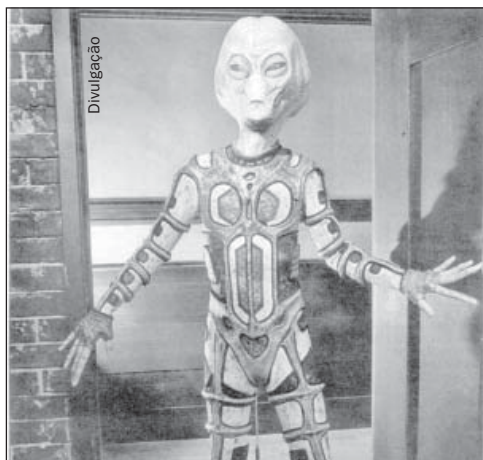
Televisão

Histórias fantásticas dramatizadas

The outer limits estréia no Universal Channel

A partir do dia 4 de setembro, o Universal Channel (antigo USA) reserva o horário das seis da tarde para quem é fã de ficção científica e casos sobrenaturais, com a estréia da série *The outer limits*, um *remake* do clássico dos anos 60 que ficou conhecido por aqui como *A quinta dimensão*. Na linha de *Além da imaginação*, as histórias giram em torno de extra-terrestres, poderes extra-sensoriais e experiências científicas. Os episódios têm duração de uma hora e não há elenco fixo.

Em cada um deles, uma história fantástica é dramatizada. A série é uma produção canadense com sete temporadas produzidas. Aqui vai ser exibida a quinta, com participações de artistas de outra séries: Joe Pantoliano (*Família Soprano*), Cynthia Nixon (*Sex and the City*), Thom Cavanagh (*Ed*) e John Spencer (*The West Wing*). (F.M.)



REUMATOLOGIA

TRAUMATO-ORTOPEDIA

URGENCIAS

HIDROTERAPIA

FISIOTERAPIA

R.P.G - ACUPUNTURA -

PILATES

RAIOS-X -

ULTRASSONOGRAFIA

Programas de TRATAMENTO

- Osteoporose
- Coluna vertebral
- Artrose
- Artrite Reumatoide
- Fibromialgia
- Reabilitação de Joelho
- Reabilitação cirúrgica
- Tendinite - Bursite

CENTRO DE REUMATOLOGIA E ORTOPEDIA

Rua Voluntários da Pátria, 408 - Botafogo - Tel (21) 2266-6633

www.creb.com.br - Todos os convênios - Estacionamento no local

MÁQUINA DE SUCESSOS

Há muito tempo fora dos palcos, mas sempre envolvido com a música, compondo ou produzindo, o carioca de Recife, como ele mesmo se intitula, o compositor Michael Sullivan voltou a se apresentar no Rio dia 18 de agosto, no palco do Teatro Rival, com o show *Uma história de sucesso*.

Autor de mais de 1200 músicas, dos mais variados estilos e gravadas em mais de 60 países, fato que o levou a ter seu nome inscrito no *Guinness Book*, o livro dos recordes, Sullivan pode ser considerado uma máquina de fazer sucessos. Suas músicas foram gravadas por nomes da MPB como Fagner, que interpretou de forma definitiva *Deslizes*, Fafá de Belém, Sandra de Sá, Zezé di Camargo, Roberto Carlos, Alcione e o síndico do Brasil Tim Maia, este último, seu "professor" de violão, que emprestou seu vozeirão em *Me dê motivo*.

O início da carreira foi lá pelos idos anos 60, depois de um começo que incluiu uma passagem no conjunto de Renato Barros (Renato e seus Blue Caps). Era uma época em que compositores brasileiros se viam "obrigados" a compor em inglês, quando os conjuntos eram batizados com nomes estrangeiros, onde a música brasileira ainda procurava sua personalidade. E lá estava Michael Sullivan. Foi justamente uma composição em inglês, *My life*, tema da novela *O Casarão*, exibida nos anos 80, que o colocou em evidência, inclusive no cenário internacional e solidificou sua carreira. Existe um fato interessante, não sei se no Brasil, ou se no mundo: as pessoas não costumam se lembrar do compositor. Para



Ricardo Poock

o público em geral, as músicas são vinculadas a quem as canta. Daí a importância desta volta aos palcos. Reafirmar seu nome junto a sua obra.

Se você perguntar ao público jovem quem é Michael Sullivan, poucos saberão dizer. Porém, todos conhecem algum de seus sucessos, atribuídos aos cantores e cantoras que emprestaram suas vozes às letras do compositor. É a memória curta e a falta de conhecimento que associadas, são responsáveis por essa invisibilidade do compositor para o público. Não são muitos os que têm voz afinada para mostrar seu próprio trabalho. Michael Sullivan tem. Sua voz rouca se junta a de convidados ilustres já citados acima para lançar o CD *Duetos*. Uma bela releitura de seus sucessos. **(R.P.)**



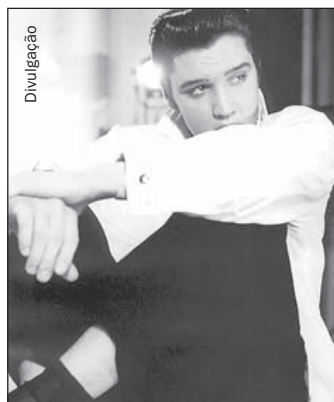
Música

Para matar saudades

Chegam às lojas dois DVDs de Elvis Presley

Acabam de chegar ao Brasil os dois novos DVDs de Elvis Presley. *Aloha From Hawaii* e *68 Comeback*, que já ultrapassaram, cada um, 120.000 cópias vendidas em todo o mundo com um mês de lançamento. *Aloha From Hawaii Deluxe* é duplo e inclui algumas das canções favoritas de Elvis, como *My Way*, e alguns covers, como *Something*, de George Harrison. Já *68 Comeback Special Deluxe* é triplo e traz sucessos como *HeartBreak Hotel*, *Hound Dog* e *Love Me Tender*. Os DVDs registram duas das maiores apresentações ao vivo de Elvis em edições luxuosas, no formato *digypack*.

Americano de Memphis, Elvis Presley morreu em 1977 e deixou milhões de fãs em todo o planeta. Tem uma importância enorme no cenário mundial por marcar o nascimento do rock'n'roll depois da gravação de *That's all right, ma*, há cinquenta anos. **(G.C)**



Divulgação



Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br



Divulgação

CONFLITOS E PARADOXOS. Para recriar o universo mítico e existencial dos chamados índios canoeiros, o documentário etnopoético *500 Almas*, de Joel Pizzini, recorreu à ficção inserindo trechos filmados da peça *Controvérsia*, de Jean - Claude Carrière, montada pelo ator/diretor Paulo José. O filme refaz a genealogia da tribo, evidenciando os principais conflitos e paradoxos da cultura desde os primeiros contatos com os viajantes europeus. O filme, ainda em produção, não tem data de estréia.

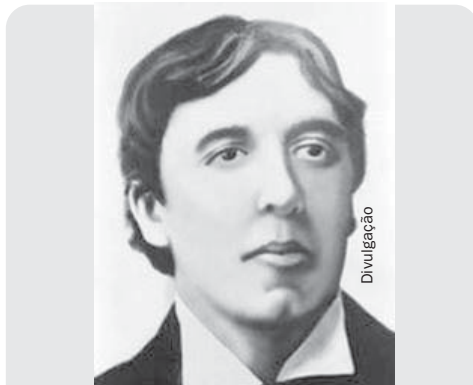
ISSO É BRASIL. Morreu, ganha homenagem. O sambista Monsueto, não fugiu à regra. Depois de ser homenageado no Prêmio Rival Br, o sambista volta à cena. O pesquisador Rodrigo Faour achou uma raridade da discografia do artista. O LP *Bigorilho*, lançado no começo de 1964, que tinha a marchinha como grande sucesso da época durante o carnaval. A bolacha ainda presenteia o público com *O malhador*, de Donga, Pixinguinha e Valfrido Silva, entre outros clássicos do repertório de Monsueto. O CD sai no fim do ano pela Universal.



Divulgação

BAÚ DO BUSH. Michel Moore quer mesmo acabar com a tirania Bush. O documentarista de *Fahrenheit, 11 de setembro* agora ataca na área literária. Além do DVD do polêmico filme, ele acaba de anunciar o lançamento, ainda este mês, de dois livros que

• prometem acabar de vez com o presidente • mentiroso. Um deles o cineasta pretende • lançar antes das eleições americanas e será • de cartas de soldados americanos. no Iraque, • enviadas ao diretor nos últimos meses. Com • certeza vem bomba por aí.



Divulgação

PRIMEIRA VEZ. Um dos mais importantes escritores ingleses, Oscar Wilde terá toda sua obra lançada num só volume. Quem oferece este presente ao público brasileiro é a editora Landmark. O volume, que chega às livrarias este mês, apresenta 13 contos escritos entre 1888 e 1891 e originalmente publicados em quatro livros de Wilde: o *Príncipe Feliz e Outros Contos*, *O retrato do Sr. W.H.*, *O Crime de Lorde Arthur Savile* e *Outros Contos e a Casa das Romãs*.

CELEBRAÇÃO DA PALAVRA. O escritor Antônio Torres inaugura dia 9 de setembro o *Livro Aberto*, evento literário que reúne autores e público para um bate-papo e leituras dramatizadas. Dia 16 é a vez de Milton Hatoum, dia 23, de Alcione Araújo e dia 30 de Moacyr Scliar. Os encontros têm entrada franca e acontecem no auditório da Emerj, no Centro. Inscrições pelo telefone 2588-3366 ou pelo e-mail culturalemerj@tj.rj.gov.br

FESTIVAL DO RIO. Começa dia 23 de setembro e vai até o dia 7 de outubro o Festival do Rio 2004, o maior evento de cinema da América Latina. São 400 filmes em 30 mostras. A programação está no site www.festivaldorior.com.br. Vamos todos ao cinema!

PORTUGAL É AQUI. A arte portuguesa vai ocupar espaços em museus e centros culturais da cidade durante todo o mês de setembro. *Portugal Carioca* reúne pinturas, esculturas, ourivesaria, tecelagens, tapetes de Arraiolos, bordados da Ilha da Madeira e do Açores e peças de mobiliário, além de teatro, cinema, música e gastronomia. Programação no site www.portugalcarioca.com.br.